



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Ações e Implicações para a (Ex) Inclusão 2

 **Atena**
Editora

Ano 2020

The cover features a vertical wooden grain background. A thick, braided rope, composed of light and dark grey strands, runs vertically down the center. A dark grey curved shape in the upper left contains the author's name. The title is printed in large white font on a dark grey curved shape at the bottom. The publisher's logo and year are at the very bottom.

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Ações e Implicações para a (Ex) Inclusão 2

 **Atena**
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A185 Ações e implicação para a (ex) inclusão 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: Word Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-17-1

DOI 10.22533/at.ed.171200403

1. Brasil – Política social. 2. Cidadania – Brasil. 3. Exclusão social – Brasil. 4. Pobres – Estudo de casos. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 305.560981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O que significa “educar”? Para muitos autores no campo da Educação sua forma e aplicação é de diferentes maneiras, na compreensão dos diversos processos que envolvem a aprendizagem, o ensino, a transmissão, a socialização. Sabemos que a educação não se dá apenas na escola – instituição que segue um certo tipo de comunicação e de relação com a autoridade (escolar) preocupada com as possibilidades de progressão linear de estudantes (de uma classe para outra). Passar por novas experiências na forma de aprender-e-ensinar, experiências pluridirecionais de transmissão, não apenas naquela tradicional de professor-aluno, sendo o aluno um receptáculo, a incorporação de outros saberes ao currículo, dinâmicas contemporâneas de processos educativos são alguns temas que têm mobilizado pesquisas no campo da Educação. Este e-book “Ações e Implicação para a (Ex) Inclusão 2”, dedicado ao tema “Educação e questões de como se organiza em torno de reflexões acerca do fazer científico e da relação entre dois campos Exclusão e Inclusão. Os artigos aqui reunidos fazem pensar sobre o lugar que assume o método e os pressupostos epistemológicos na produção das questões que envolvem objetos que tocam aos dois campos tanto na perspectiva da interação/aproximação, quanto na perspectiva das fronteiras teórico-conceituais. Discutem, em diferentes perspectivas, como a (Ex) Inclusão e a suas diferentes abordagens constituem importantes aportes teóricos e metodológicos para a produção de conhecimento fundado na transformação de formas de investigação e de outras possibilidades de enunciação. As experiências de campo, pesquisas originais desenvolvidas em diferentes contextos sobre processos educativos/culturais diversos, nos convida a refletir sobre o que o conhecimento “aproximado” da realidade pode nos revelar sobre o Outro e sobre Nós mesmos.

Desejo a todos uma boa leitura e que os artigos aqui reunidos sejam fonte de inspiração para reflexões sobre o lugar do pesquisador e da pesquisa na produção em Ações e Implicação para a (Ex)Inclusão 2.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DO MEDIADOR ESCOLAR PARA POTENCIALIZAR O PROCESSO DE BRINCAR DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL	
Fabiane Araujo Chaves Thacio Azevedo Ladeira	
DOI 10.22533/at.ed.1712004031	
CAPÍTULO 2	11
A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Edivaldo Lubavem Pereira Eduardo Gonzaga Bett	
DOI 10.22533/at.ed.1712004032	
CAPÍTULO 3	24
A REFLEXÃO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	
Ivan de Oliveira Silva Silvia Carbone Denise de Almeida Robson Paz Vieira Franklin Portela Correia	
DOI 10.22533/at.ed.1712004033	
CAPÍTULO 4	32
A INCLUSÃO ESCOLAR E O USO DO NOME SOCIAL POR ALUNOS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS MENORES DE IDADE	
Cilene Angelica Peres	
DOI 10.22533/at.ed.1712004034	
CAPÍTULO 5	53
ALUNOS COM AUTISMO O RECONHECIMENTO DE SUAS IDENTIDADES NA CONCEPÇÃO DO DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM	
Marco Antonio Serra Viegas	
DOI 10.22533/at.ed.1712004035	
CAPÍTULO 6	65
AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR	
Sonia Ribeiro de Lima Solange de Castro Elisabeth Rossetto	
DOI 10.22533/at.ed.1712004036	
CAPÍTULO 7	74
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO COM UM ALUNO AUTISTA: UM ESTUDO DE CASO	
Silvia Raquel Schreiber Boniati Idorlene da Silva Hoepers	

CAPÍTULO 8 87

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO ENSINO MÉDIO E SUPERIOR: VIVENCIANDO DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA REDE DE ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO

Judith Mara de Souza Almeida

Luana Tillmann

DOI 10.22533/at.ed.1712004038

CAPÍTULO 9 95

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO OFERTADO AOS ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO DE SANTARÉM

Patrícia Siqueira dos Santos

Eleny Brandão Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.1712004039

CAPÍTULO 10 108

ATUAÇÃO DA GESTÃO ESCOLAR NA INCLUSÃO SOCIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Edivaldo Lubavem Pereira

Eduardo Gonzaga Bett

Piery Teza

Tatiani Fernandes Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.17120040310

CAPÍTULO 11 119

ATENDIMENTO PEDAGÓGICO DOMICILIAR: UM PROCESSO DE INCLUSÃO

Silvia Cristina Pereira dos Santos

Renata Souza Vogas

Cintia Soares Romeu

Geilsa Soraia Cavalcanti Valente

DOI 10.22533/at.ed.17120040311

CAPÍTULO 12 132

AValiação e IMPLICAÇÕES PSICOMOTORAS EM ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Maria Beatriz Campos de Lara Barbosa Marins Peixoto

Jair Lopes Junior

Vera Lucia Messias Fialho Capellini

DOI 10.22533/at.ed.17120040312

CAPÍTULO 13 140

CONCEPÇÕES DE GESTORES SOBRE A INFRAESTRUTURA PARA O ATENDIMENTO DO ALUNO PAEE

Camila Elidia Messias dos Santos

Vera Lucia Messias Fialho Capellini

Kátia de Abreu Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.17120040313

CAPÍTULO 14	149
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E INCLUSÃO SOCIAL: ATIVIDADES LÚDICAS APLICADAS AO DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS	
<p>Jôsi Mylena de Brito Santos Larissa Gonçalves Moraes João Carlos dos Santos Duarte Natália Cristina de Almeida Azevedo Erika da Silva Chagas Vânia Silva de Melo</p>	
DOI 10.22533/at.ed.17120040314	
CAPÍTULO 15	160
ENTRE ATOS E FATOS: DA DISCRIMINAÇÃO ÉTNICO-RACIAL A CONSCIENTIZAÇÃO HUMANÍSTICA EM UM CAMPUS UNIVERSITÁRIO	
<p>Isadora Polvani Barbosa Lucy Verônica Mendes Garcia David Marcio Roberto Ghizzo</p>	
DOI 10.22533/at.ed.17120040315	
CAPÍTULO 16	169
ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR CRÍTICA NUMA ESCOLA DO CAMPO: APRENDIZADOS E DESENVOLVIMENTOS MÚTUOS	
<p>Caroline Boaventura Czelusniak Roger Alloir Alberti José Alexandre de Lucca</p>	
DOI 10.22533/at.ed.17120040316	
CAPÍTULO 17	178
DO PIQUE PEGA ÀS GARGALHADAS: APRENDENDO COM AS DIFERENÇAS	
<p>Lívia Mello Lopes de Almeida</p>	
DOI 10.22533/at.ed.17120040317	
CAPÍTULO 18	189
INCLUSÃO E PERTENCIMENTO: APROPRIAÇÕES DE HISTÓRIAS EM UM AMBIENTE DE ESCOLARIZAÇÃO	
<p>Caroline Boaventura Czelusniak Roger Alloir Alberti José Alexandre de Lucca</p>	
DOI 10.22533/at.ed.17120040318	
CAPÍTULO 19	201
POSSIBILIDADE RUMO À INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO IFRS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<p>Cláudia Terra do Nascimento Paz Cláudia Medianeira Alves Ziegler</p>	
DOI 10.22533/at.ed.17120040319	
CAPÍTULO 20	211
PARATY: POR UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL	
<p>Waleska Souto Maia</p>	

Mariana Roque Lins da Silva
Erica Silvani Souza
Isabel Rodrigues Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.17120040320

CAPÍTULO 21 220

TECNOLOGIAS ASSISTIVAS NA ESCOLARIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA
EM COMUNIDADES QUILOMBOLA E PESQUEIRA

Mequias Pereira de Oliveira
Odinilton Pacheco de Deus
Raquel Amorim dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.17120040321

CAPÍTULO 22 234

CONCEPÇÕES DE PAIS COM FILHOS COM DEFICIÊNCIA: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO SOBRE O ENTENDIMENTO DOS PAIS ACERCA DAS
DEFICIÊNCIAS NA CIDADE DE BELÉM (PA)

Marcelo Marques de Araujo
Elizabeth Cardoso Gerhardt Manfredo
Isabel Lopes Valente

DOI 10.22533/at.ed.17120040322

CAPÍTULO 23 248

AMARRAS E ARMADILHAS DO CURTA DE ANIMAÇÃO *CUERDAS*

Lidnei Ventura
Simone De Mamann Ferreira
Klalter Bez Fontana

DOI 10.22533/at.ed.17120040323

CAPÍTULO 24 258

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E INCLUSÃO DE SURDOS NA UNIVERSIDADE A
PARTIR DO EVENTO ARTES & LIBRAS EM CICLO

Natália Schleder Rigo
Bianca de Oliveira
Érica Caléfi

DOI 10.22533/at.ed.17120040324

CAPÍTULO 25 276

EDUCAÇÃO SEXUAL: AÇÕES E IMPLICAÇÕES PARA A (EX)INCLUSÃO DA
SEXUALIDADE, DO CORPO E DO GÊNERO E DE SUAS EXPRESSÕES

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Melissa Camilo
Débora Cristina Machado Cornélio
Valquiria Nicola Bandeira
Carlos Simão Coury Corrêa
Andreza De Souza Fernandes
Marilurdes Cruz Borges
Monica Soares
Fernando Sabchuk Moreira

DOI 10.22533/at.ed.17120040325

SOBRE A ORGANIZADORA.....	300
ÍNDICE REMISSIVO	301

TECNOLOGIAS ASSISTIVAS NA ESCOLARIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA EM COMUNIDADES QUILOMBOLA E PESQUEIRA

Data de aceite: 20/02/2020

Data de submissão: 03/02/2020

Mequias Pereira de Oliveira

Universidade Federal do Pará

Bragança – Pará

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4903518447993428>

Odinilton Pacheco de Deus

Universidade Federal do Pará

Bragança – Pará

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1395665137149101>

Raquel Amorim dos Santos

Universidade Federal do Pará

Bragança – Pará

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3387666784015912>

RESUMO: Esse trabalho é fruto da extensão universitária. Objetiva apresentar e discutir alguns resultados das ações extencionistas, considerando o uso das Tecnologias Assistivas na escolarização de alunos com deficiência em Comunidades Quilombola e Pesqueira. Dialoga com autores como Chizzotti, Severino, Bersch, Galvão Filho, Manzini e outros. Metodologicamente é uma abordagem qualitativa por meio de observação e entrevista semiestruturada. Os resultados revelam a necessidade da formação continuada dos professores, coordenadores e gestores para que o uso das Tecnologias Assistivas se efetive.

Demonstra que a utilização dessas tecnologias na escolarização da Pessoa com Deficiência (PcD), ocorre atrelado a dificuldades como infraestrutura da escola, organização do espaço e tempo escolar, planejamento, bem como apropriação conceitual e metodológica. Consideramos que o uso desses recursos pode melhorar processo de aprendizagem escolar, garantindo a permanência, a participação e o acesso ao conhecimento. Uma possibilidade de inclusão escolar e social da PcD.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias Assistivas. Escolarização. Pessoa com Deficiência.

ASSISTIVE TECHNOLOGIES IN SCHOOLING OF PERSONS WITH DISABILITIES IN QUILOMBOLA AND FISHING COMMUNITIES

ABSTRACT: The present study is the result of university extension. The aimed is to present and discuss some results of the extensionist actions, considering the use of Assistive Technologies in the schooling of students with disabilities in Quilombola and Fishing Communities. The present study dialogue with authors such as Chizzotti, Severino, Bersch, Galvão Filho, Manzini, and others. The qualitative approach was used such as method through observation and semi-structured interview. The need for continuing education for teachers, coordinators, and managers is one evidence in order to the

use of Assistive Technologies becomes effective. The use of these technologies in schooling to People with Disabilities (PwD) was demonstrated. This fact occurs linked to difficulties such as school infrastructure, organization of the school, space and time, planning, conceptual and methodological appropriation. The use of these resources can improve the school learning process, ensuring permanence, participation, and access to knowledge. In other words, the possibility of school and social inclusion for PwD.

KEYWORDS: Assistive Technologies. Schooling. Person with disabilities.

1 | INTRODUÇÃO

As transformações tecnológicas têm ocorrido rapidamente e com isso o dia a dia das pessoas é ressignificado. Em determinadas circunstâncias, as tecnologias melhoram ou tornam-se a única maneira de realizar uma atividade. Para as Pessoas com Deficiência (PcD) elas podem ser a única maneira de participação no processo educativo escolar (GALLO, 2015).

As tecnologias desenvolvidas com a finalidade de melhorar a qualidade de vida das PcD são conhecidas no Brasil como Tecnologia Assistiva (BRASIL, 2009). É uma área de conhecimento que envolve equipamentos, serviços, estratégias e metodologias. Objetiva minimizar as incapacidades (temporárias ou permanentes) existentes na vida das PcD. Isso ocorre pela ampliação das habilidades funcionais e autonomia, possibilitando inclusão escolar e social (BERSCH; TONOLLI, 2006; GALVÃO FILHO, 2013; BERSCH, 2017).

A partir de algumas mudanças nas políticas de inclusão, a escola pública brasileira passa a receber um maior número de alunos com deficiência (BAPTISTA, 2015). O censo escolar 2017 apontou um crescimento no quantitativo de matrículas desses alunos no ensino fundamental. O levantamento mostrou que de 2013 a 2017 passou de aproximadamente 625 mil para mais de 768 mil estudantes (BRASIL, 2018).

Os dados se referem ao acesso, mas é importante também discutir os mecanismos e as alternativas para garantia da permanência e da qualidade do ensino oferecido às PcD. Segundo Bersch (2009) as Tecnologias Assistivas podem ser alternativas para melhorar a vida escolar dessas pessoas e, principalmente, contribuir para que elas permaneçam e participem de forma qualitativa do processo de escolarização.

A Tecnologia Assistiva, como área de conhecimento, está em processo de construção, por isso esse conceito ainda apresenta fragilidades (SARDENBERG; MAIA, 2019). Segundo Rodrigues e Alves (2013) o empenho de pesquisadores nessa área se justifica pela complexidade da inclusão e pela urgência em compreender essas

tecnologias no sentido de afirmá-la como alternativa para promover a autonomia da PcD.

Nas escolas, tais estudos podem ajudar na compreensão do universo dos alunos com deficiência, identificando os limites e também as possibilidades do uso dessas tecnologias. Assim, esse trabalho visa contribuir com o debate sobre as Tecnologias Assistivas no contexto escolar, mostrando como se colocam em duas escolas da Rede Municipal de Bragança-PA.

O estudo se justifica pela necessidade de realizar uma incursão no universo pedagógico do Quilombo do América e da Comunidade Pesqueira de Bacuriteua, para compreender como os recursos assistivos podem colaborar com o ensino dos alunos com deficiência. Segundo Garcia e Galvão Filho (2012) a ausência de estudo sobre nesse campo dificulta o desenvolvimento de políticas públicas que atendam de maneira adequada as PcD.

Essa pesquisa foi realizada por meio do Projeto de Extensão “O uso das Tecnologias Assistivas para Professores da Educação Escolar Quilombola e Pesqueira”. Desenvolvido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em educação, Currículo, Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (NEAFRO), da Universidade Federal do Pará, Campus Bragança (CBRAG/UFGPA).

O projeto buscou promover ações para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem a partir das Tecnologias Assistivas na formação de professores, com enfoque na produção de recursos pedagógicos para PcD. Esse estudo objetiva apresentar e discutir alguns dos resultados obtidos por meios das atividades extensionistas.

A discussão envolve a seguinte questão: como as Tecnologias Assistivas estão inseridas no contexto escolar das Comunidades Quilombo do América e Pesqueira de Bacuriteua? A seguir apresentaremos o percurso metodológico; alguns resultados e por fim as considerações finais.

2 | METODOLOGIA

O estudo se baseia numa abordagem qualitativa compreendida como aquela que “(...) não tem um padrão único porque admitem que a realidade é fluente e contraditória e os processos de investigação dependem também do pesquisador – sua concepção, seus valores, seus objetivos” (CHIZZOTTI, 2010, p. 26). Nessa abordagem o pesquisador observa e analisa seu objeto a partir do contexto e da dinamicidade inerente aos fenômenos sociais, atribuindo-lhe sentido pelas nas informações que as pessoas revelam.

A investigação foi realizada a partir das ações extensionistas desenvolvidas por intermédio da Faculdade de Educação, CBRAG/UFGPA, em parceria com a Escola

Américo Pinheiro de Brito; Escola Raimundo Martins Filho e a Secretaria Municipal de Educação (SEMED/Bragança).

A Escola Américo Pinheiro de Brito está situada no Quilombo do América, uma comunidade localizada próximo à Vila do Acarajó, com acesso pela Rodovia PA 458, km 5, (Ramal do Tamatateua) em Bragança-PA. A economia local é baseada na agricultura, no extrativismo (trabalho no mangue) e algumas famílias são beneficiárias do Programa Bolsa Família.

O local foi reconhecido como remanescente de quilombo em 2015 (BRASIL, 2015) e nos dias atuais somam, aproximadamente, 120 famílias e 460 moradores. Os aspectos socioculturais da comunidade se relacionam ao esporte, a dança e a religiosidade. O futebol é uma forma de diversão entre homens e mulheres. Por meio da dança buscam “resgatar e valorizar os ritmos africanos”. Na religiosidade é “predominante o catolicismo”, com destaque para festividade do Sagrado coração de Maria, que inclui novenas, procissões, missa e leilão (RODRIGUES; PEREIRA, 2018, p. 41-43).

Na figura 1 mostra-se a escola que atende os alunos nos turnos da manhã e tarde. Sua infraestrutura é composta de uma sala regular, dois banheiros (masculino e feminino) e uma cozinha. Os alunos são atendidos em turmas multisseriadas¹.



Figura 1 – Escola Américo Pinheiro de Brito. Fonte: Acervo do projeto.

A Escola Raimundo Martins Filho fica na Comunidade Pesqueira de Bacuriteua, situada às margens da Rodovia PA 458, distante aproximadamente 14 km da sede do Município de Bragança. O local dispõe de escolas da rede estadual e municipal, posto de saúde, cartório, igrejas, fábricas de pesca, pequenos estabelecimentos de comércio entre outros.

Segundo Silva; Costa e Pereira (2006) os moradores que compõem essa comunidade são oriundos de diferentes lugares como Bragança, Augusto Corrêa,

¹ Na mesma turma são atendidos alunos de diferentes etapas da escolarização por uma única professora. Em alguns casos tem uma auxiliar denominada de cuidadora.

Belém, Castanhal e também de outros estados como Ceará, Maranhão, Piauí, etc. Asseveram também que a economia local se baseia em atividades de pesca² e pequenos comércios.

A figura 2 mostra uma das escolas dessa da comunidade, que foi *lócus* do projeto. Além das salas regulares, banheiros e cozinha, sua infraestrutura contempla quadra para esporte, sala de informática, sala de recursos multifuncionais, sala de leitura, área de alimentação e salas do administrativo (direção e coordenação).



Figura 2 – Escola Raimundo Martins Filho. Fonte: Acervo do projeto.

Os dados foram adquiridos a partir de observações e entrevistas (SEVERINO, 2007) com duas professoras que trabalham na Escola Américo Pinheiro de Brito e uma que trabalha no Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Escola Raimundo Martins Filho. No quadro 1 apresentamos uma síntese com alguns elementos sobre os interlocutores desse estudo.

PROFESSORA	ESCOLA	FORMAÇÃO ACADÊMICA	ATUAÇÃO PROFISSIONAL
Professora A	EMEF Raimundo Martins Filho	Pedagogia	Sala AEE
Professora B	EMEF Américo Pinheiro de Brito	Pedagogia	Sala Regular
Professora C	EMEF Américo Pinheiro de Brito	Pedagogia	Sala Regular

Quadro 1 – Sujeitos da Pesquisa. Fonte: Autores, 2019.

O contato com esses sujeitos se deu a partir das visitas realizadas nas escolas por meio das atividades extensionistas. Foi solicitada a permissão para observação do atendimento dos alunos com deficiência e dos recursos disponíveis. No segundo momento procuramos dialogar com as professoras sobre as suas experiências a

² Os moradores fazem a coleta de peixe, caranguejo, turu e sururu que servem para a própria alimentação e também para comercialização.

respeito do trabalho pedagógico com esses alunos. A partir dos relatos buscamos identificar como as Tecnologias Assistivas são utilizadas nas práticas de ensino e aprendizagem escolar.

3 | TECNOLOGIAS ASSISTIVAS NAS COMUNIDADES QUILOMBOLA E PESQUEIRA DE BRAGANÇA-PA

O termo Tecnologia Assistiva ainda não dispõe de um conceito bem consolidado, entretanto, a utilização de recursos com o objetivo de compensar determinada deficiência já ocorre há bastante tempo (GALVÃO FILHO, 2009). Segundo Manzini (2005) desde uma bengala até um sofisticado sistema a adaptação veicular, utilizados para proporcionar usabilidade, conforto e segurança aos idosos ou à PcD pode ser visto como Tecnologia Assistiva.

No contexto brasileiro o termo é entendido como:

(...) área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, prática e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2009, p. 13).

Esse conceito foi elaborado pelo Comitê de Ajudas Técnicas (CAT), criado em 2006. A definição trouxe a interdisciplinaridade, que é vista como um passo importante, pois possibilitou que o tema trilhasse novos rumos, além de ampliar as possibilidades de uso. Atualmente, sua utilização pode ser vista nas áreas da saúde, educação, trabalho, etc. (BERSCH, 2017).

Para Bersch (2017, p. 13) isso permitiu que a Tecnologia Assistiva agregasse profissionais como “[...] os educadores, engenheiros, arquitetos, designers, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, médicos, assistentes sociais, psicólogos, entre outros”. Isso mostra que a PcD necessita, além do empenho do professor, de uma equipe multiprofissional. As escolas pesquisadas ainda não dispõem desse suporte de modo efetivo.

Juntamente com o acompanhamento da equipe multiprofissional o uso de recursos assistivos nas atividades escolares pode melhorar a aprendizagem e minimizar as barreiras que dificultam o acesso à informação, comunicação e ao conhecimento, pelo desenvolvimento biopsicossocial, ampliando as possibilidades de participação política, econômica e cultural (BRASIL, 2019a).

As barreiras da inclusão escolar e social são identificadas de maneira plural. Se por um lado, houve avanços como direito à matrícula escolar, atendimento especializado, espaços de trabalho, recursos de Tecnologia Assistiva, etc. por outro, as PcD ainda se deparam com barreiras que dificultam o acesso à informação, a

comunicação e ao conhecimento, tanto na sociedade quanto na escola (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007).

Nas escolas observadas os relatos apresentam diferentes realidades sobre as Tecnologias Assistivas. Percebeu-se que as duas escolas dispõem desses recursos, mas utilizam de acordo com a sua realidade. Na Escola Raimundo Martins se identificou recursos economicamente acessíveis – baixas tecnologias (SCHIRMER; BERSCH, 2007), que são produzidos pela própria professora em função das necessidades específicas dos seus alunos (fig. 3).



Figura 3 – Recurso economicamente acessível. Fonte: Acervo do Projeto.

A figura anterior mostra um recurso construído pela professora para ensinar matemática aos alunos com dificuldade de abstração, segundo ela os alunos precisam identificar a partir de exemplos concretos as representações numéricas. Assevera que esses recursos ajudam os alunos a se apropriar dos conhecimentos por meio de um caminho alternativo.

A figura 4 mostra outro recurso produzido e utilizado pelos alunos com dificuldade na coordenação motora. Com auxílio da professora, eles conduzem um cadarço entre os círculos verdes colados no painel azul. Apresenta também um recurso (as formas geométricas) utilizado para estimular a aprendizagem dos alunos com dificuldade de abstração (a maioria apresenta laudo com deficiência intelectual em níveis diferentes). A professora afirma que os estimula considerando suas experiências, segundo Gomes; Poulin e Figueredo (2010) algo fundamental para deixar a aprendizagem mais significativa.



Figura 4 – Tecnologia usada na sala do AEE. Fonte: Acervo do projeto.

A respeito desse recurso a Professora afirma:

A criança vai conduzindo o cadarço entre os anéis colados no painel, isso ajuda no desenvolvimento da coordenação motora do aluno (...) foi a partir de acompanhamento mais específico que alunos com muita dificuldade, passaram a ter um progresso, porque antes eles só ficavam retidos, ou seja, é a partir desse acompanhamento que os alunos têm possibilidade de alcançar o objetivo que é terminar os estudos e até entrar em uma faculdade (Professora A, Comunidade Pesqueira, Entrevista, 2019).

O relato demonstra que o uso das Tecnologias Assistivas ajuda no desenvolvimento dos alunos e possibilita avanço significativo no rendimento escolar, sobretudo para aqueles alunos que já estavam retidos por muito tempo. Percebe-se que a ausência de atendimento específico à PcD pode contribuir com a estagnação do desenvolvimento escolar, bem como negar ao acesso ao conhecimento. Para Rodrigues (2013) a essa tecnologia pode apoiar a ação docente, bem como ajudar na superação das limitações sensoriais, motoras, mentais e sociais.

A escola também dispõe de recursos conhecidos como alta tecnologia, entendidos como aqueles mais sofisticados e com maior custo financeiro como computador com mouse e teclado adaptado (fig. 5), vocalizadores, softwares, entre outros (SCHIRMER; BERSCH, 2007).



Figura 5 – Tecnologia usada na sala do AEE. Fonte: Acervo do projeto.

Esse recurso é uma alternativa de acesso à informação e comunicação aos alunos com mobilidade reduzida. O teclado com colmeia acrílica melhora a precisão do acionamento das teclas. O mouse de pressão ajuda os alunos que não conseguem acionar o clique de modo convencional no uso do computador, mediado pela professora.

A pesquisa aponta notória contribuição das Tecnologias Assistivas no desenvolvimento da PcD. Contudo, a Professora ressalta que nem todos alcançam mudanças significativas na aprendizagem, devido à necessidade de maior envolvimento da família, dos professores da sala regular e principalmente do poder público, que deveria possibilitar maior investimento na formação continuada dos professores e articular um atendimento intersetorial, garantindo as crianças atendimento especializado por outros profissionais.

Ela aponta a necessidade de promover rodas de conversas e palestras com a família e a comunidade escolar a fim de discutir a importância e a forma como ocorre o aprendizado destes estudantes. Segundo Oliveira (2012) esse movimento dialógico entre a família e a escola é fundamental para o desenvolvimento dos alunos.

No contexto Quilombola também foi identificada a presença de recursos de Tecnologia Assistiva, entretanto sua utilização tem encontrado algumas barreiras, sobretudo, no que se refere à formação continuada dos professores. Durante as observações identificou-se que a escola dispõe de recursos assistivos que são pouco utilizados nas práticas pedagógicas.

Não é possível concluir a real causa do pouco uso, mas fica evidente que a formação continuada ofertada pelo sistema de ensino ainda não contemplou o uso das Tecnologias Assistivas na escolarização dos alunos com deficiência da Escola Américo Pinheiro de Brito.

A figura 6 mostra o alfabeto móvel feito em cores diferentes, esse recurso

possibilita o estímulo de alunos que apresentam dificuldade relacionadas a baixa visão (DOMINGUES, *et al.*, 2010), alguns alunos apresentam essa deficiência na escola. As letras móveis podem ser utilizadas com os alunos cegos que precisam tocar nos objetos para estimular sua habilidade tátil (Ibid.). Existe na escola outros formatos de alfabeto móvel, jogos com sílabas, entre outros para ajudar no processo de escolarização.



Figura 6 – Alfabeto móvel em alto contraste - Quilombo. Fonte: Acervo do projeto.

A figura 7 mostra um computador fornecido pelo Ministério da Educação, fruto de políticas públicas educacionais de implantação das salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas escolas públicas. Apesar da escola ter os equipamentos, essa sala ainda não foi construída.

Até o momento desse estudo os alunos ainda não dispunham de um profissional específico para o atendimento educacional especializado, vale ressaltar, é direito assegurado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), pelas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial bem como pela Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2001, 2008, 2019b).



Figura 7 – Computador com teclado adaptado - Quilombo. Fonte: Acervo do projeto.

A observação e o diálogo com as professoras revelam que esse recurso não é utilizado em função da infraestrutura que a escola atualmente dispõe. Quando questionadas se, em suas práticas utilizam os recursos de Tecnologia Assistiva da escola, mencionam:

(...) os técnicos da SEMED já vieram várias vezes aqui, dizem que a rede Celpa vai ajeitar a rede elétrica e só depois os computadores vão funcionar e nada é resolvido (...). (Professora B, Comunidade Quilombola, Entrevista, 2019).

(...) quando a gente liga esses computadores, eles não aguentam muito tempo, a gente nem consegue utilizar com as crianças (...). (Professora C, Comunidade Quilombola, Entrevista, 2019).

Esses relatos nos reforçam a complexidade diante do uso das Tecnologias Assistivas, inclusive da sua compreensão, mostradas por outros estudos (GALVÃO FILHO 2013, SARDENBERG; MAIA, 2019). Verificamos certa dualidade, por um lado os professores dispõem de recursos mais simples e pouco os utilizam (por razões ainda inconclusivas do ponto de vista dessa pesquisa), por outro relatam que a infraestrutura da escola não lhes possibilita tal uso e a SEMED pouco colabora para mudar essa realidade.

Essa visão pode estar relacionada com a ideia de que Tecnologias Assistivas associam-se à figura do computador, quando na verdade englobam vários outros elementos (BRASIL, 2009). Isso reforça a necessidade levar o debate sobre essas tecnologias para o cotidiano das escolas e contribuir com a formação continuada dos professores. É importante também ampliar os estudos sobre o tema a fim de superar a fragilidade conceitual e metodológica no tocante ao uso desses recursos (GALVÃO FILHO, 2013).

A pesquisa revela uma realidade desafiadora, que acreditamos fazer parte

do cotidiano de muitas escolas e famílias. Mostra a necessidade de investimento em políticas públicas que garantam os direitos da PcD, sobretudo, pela formação continuada dos professores, coordenadores, e gestores para o uso da Tecnologia Assistiva no ambiente escolar.

Acredita-se que ao adotá-las nas práticas pedagógicas a escola constrói um ambiente mais inclusivo e participativo, garantindo o direito as diferenças pela promoção da acessibilidade ao conhecimento e suas tecnologias. Ao utilizá-las a escola ajuda no desenvolvimento dos alunos e reduz a exclusão escolar e social (MANZINI, 2005; GALLO, 2015).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou que os professores se mostram favoráveis ao uso das Tecnologias Assistivas, em alguns casos até produzem recursos para contribuir com o desenvolvimento dos alunos. Por outro lado, ainda encontram muitas dificuldades e (ou) barreiras relacionadas a infraestrutura, planejamento, metodologia, formação continuada, turmas multisseriadas, em suma, a não efetivação da Política Nacional de Educação Especial.

Todos esses aspectos implicam na construção de um ambiente favorável ao uso dos recursos assistivos, impondo diversos desafios com relação ao atendimento da PcD. A pesquisa revelou que onde já houve a implementação da sala de AEE juntamente com a atuação de uma professora especialista, há maior efetivação no atendimento dos alunos, isso mostra que não depende unicamente da atuação dos professores.

Concluimos que uma boa infraestrutura aliada ao trabalho de profissionais bem capacitados é fundamental para garantir o atendimento dos alunos com deficiência. Acreditamos que isso se efetiva somente pelo investimento em políticas públicas para escola, para formação continuada dos professores, no sentido de construir alternativas para atender a PcD.

Consideramos que o uso das Tecnologias Assistivas nas comunidades quilombola e pesqueira podem se constituir enquanto instrumentos facilitadores do processo de aquisição e construção do conhecimento. Além disso, essas tecnologias podem representar uma forma de inclusão, proporcionando autonomia e a participação nas atividades pedagógicas e sociais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Pró-Reitoria de Extensão, o Programa Navega Saberes, a Faculdade de Educação, a Secretaria Municipal de Educação e, sobretudo, a parceria

e apoio das Escolas Américo Pinheiro de Brito e Raimundo Martins Filho, as quais possibilitaram o desenvolvimento do Projeto de Extensão e também desse estudo.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Claudio Roberto (org.). **Escolarização e deficiência**: configurações nas políticas de inclusão escolar. [e-book]. São Carlos: Marquezine & Manzini, ABPEE, 2015.

BERSCH, Rita. **Design de um serviço de Tecnologia Assistiva em escolas públicas**. 2009. Dissertação (Mestre em Design) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BERSCH, Rita. **Introdução à Tecnologia Assistiva**. 2017. Porto Alegre. Disponível em: www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf. Acesso em: 20 mar. 2019.

BERSCH, Rita; TONOLLI, José Carlos. **Introdução ao conceito de Tecnologia Assistiva e modelos de abordagem da deficiência**. 2006. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/tecnologia-assistiva>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução N. 2/2001**. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: Diário Oficial da União, 2001.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep. **Censo escolar 2017**: notas estatísticas. Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei N. 13.146/2015**. Estatuto da Pessoa com Deficiência. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019a.

BRASIL. **Lei N. 9.394/1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019b.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Portaria N. 19/2015**. [certifica as comunidades que se autodefiniram como remanescentes de quilombo]. Brasília: Diário Oficial da União, n. 22, p. 23, Seção 1, 2015.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. **Tecnologia Assistiva**. Brasília: Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Comitê de Ajudas Técnicas, 2009.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DOMINGUES, Celma dos Anjos *et al.* **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: os alunos com deficiência visual - baixa visão e cegueira. Brasília: MEC, 2010.

GALLO, Iolanda. A Tecnologia Assistiva: colaborando no aprendizado do aluno com deficiência visual nas instituições públicas de ensino fundamental. **Revista Eventos Pedagógicos**, Mato Grosso, v. 6, n. 4, p. 171-179, nov./dez. 2015.

GALVÃO FILHO, Teófilo Alvão. A Tecnologia Assistiva: de que se trata? *In*: MACHADO, G. J. C.; SOBRAL, M. N. (org.). **Conexões: Educação, Comunicação, Inclusão e Interculturalidade**. 1. ed. Porto Alegre: Redes Editora, 2009. p. 207-235.

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. A construção do conceito de Tecnologia Assistiva: alguns novos interrogantes e desafios. **Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 25-42, jan./jun. 2013.

GARCIA, Jesus Carlos D.; GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. **Pesquisa Nacional de Tecnologia Assistiva**. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 2012.

GOMES, Adriana Leite Lima Verde; POULIN, Jean-Robert; FIGUEIREDO, Rita Vieira de. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: o atendimento educacional especializado para alunos com deficiência intelectual. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

MANZINI, Eduardo José. Tecnologia assistiva para educação: recursos pedagógicos adaptados. *In*: BRASIL. **Ensaio pedagógicos**: construindo escolas inclusivas. Brasília: Ministério da Educação, 2005. p. 82-86.

OLIVEIRA, V. G. de. **O uso de tecnologias assistivas, visando potencializar a aprendizagem de alunos com necessidades educativas especiais**. Monografia (especialização em mídias na educação) - Centro interdisciplinar de novas tecnologias na educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2012.

RODRIGUES, Márcia Tainã do R.; PEREIRA, Silvana Ribeiro. **Ser ou não ser quilombola, eis a questão**: um estudo sobre ideologia na Comunidade Quilombola América - Bragança-Pará - com base na análise do discurso. 2018. TCC (Licenciatura plena em Letras, Habilitação Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Bragança, 2018.

RODRIGUES, Maria Euzimar Nunes. **Avaliação da tecnologia assistiva na sala de recursos multifuncionais**: estudo de caso em Fortaleza Ceará. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

RODRIGUES, Patrícia Rocha; ALVES, Lynn Rosalina G. Tecnologia Assistiva: uma revisão do tema. **Holos**, Rio Grande do Norte, v. 6, p. 170-180, 2013.

SARDENBERG, Thiago; MAIA, Helenice. **Uma porta aberta**: representações sociais de tecnologia assistiva. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

SCHIRMER, Carolina R.; BERSCH, Rita. Comunicação Aumentativa e Alternativa - CAA. *In*: SCHIRMER, Carolina R. *et al.*; **Atendimento Educacional Especializado**: deficiência física. Brasília: MEC, 2007. p. 57-84.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Iracely Rodrigues da; COSTA, Rauquীরio Marinho da; PEREIRA, Luci Cajueiro Carneiro. Uso e ocupação em uma comunidade pesqueira na margem do estuário do Rio Caeté (PA, Brasil). **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba/PR, n. 13, p. 11-18, jan./jun. 2006.

TORRES, Elisabeth Fátima; MAZZONI, Alberto Angel; MELLO, Anahi Guedes de. Nem toda pessoa cega lê em Braille nem toda pessoa surda se comunica em língua de sinais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 369-385, mai./ago. 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

A inclusão escolar 1, 11, 16, 17, 32, 34, 35, 36, 39, 48, 50, 64, 68, 116, 117, 147, 148, 234, 235, 245
Altas habilidades/superdotação 89, 90, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 141
Ambiente de escolarização 189
Aprendizados 169, 178, 179, 181, 186
Artes 23, 102, 132, 134, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 279, 285, 291
Atendimento educacional especializado 10, 41, 53, 74, 75, 76, 78, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 107, 112, 119, 121, 131, 147, 151, 201, 203, 204, 209, 210, 224, 229, 233
Atendimento pedagógico domiciliar 119, 120, 130, 131
Autismo 53, 55, 56, 57, 59, 60, 63, 64, 80, 153, 207
Avaliação 77, 85, 93, 95, 99, 102, 103, 123, 132, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 143, 147, 148, 152, 153, 160, 173, 204, 233

C

Comunidades quilombola 220, 225, 231
Corpo 4, 39, 81, 85, 133, 139, 161, 164, 167, 175, 204, 217, 265, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 295, 296, 297, 298, 299

D

Deficiência intelectual 11, 15, 17, 19, 20, 22, 64, 73, 153, 154, 207, 226, 233, 236
Deficiência visual 1, 2, 3, 4, 6, 9, 10, 88, 91, 232, 238, 242
Desenho universal 53, 54, 55, 57, 58, 60, 63, 146, 147, 148

E

Educação ambiental 149, 150, 151, 152, 158, 159
Educação decolonial 211, 212
Educação no brasil 24, 25
Educação sexual 47, 163, 168, 246, 247, 276, 278, 296, 298, 300
Ensino fundamental 11, 15, 26, 77, 108, 109, 115, 116, 142, 148, 178, 184, 195, 211, 221, 232, 236, 297
Escola do campo 169, 172, 177
Escolarização 47, 59, 130, 140, 141, 147, 175, 177, 189, 192, 199, 220, 221, 223, 228, 229, 232
Étnico-racial 117, 160, 168
Exclusão 1, 18, 24, 29, 33, 34, 37, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 67, 78, 79, 82, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 174, 175, 191, 231, 247, 276

G

Gênero 32, 33, 34, 39, 42, 43, 44, 47, 48, 50, 115, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 168, 175, 190, 250, 270, 276, 277, 278, 279, 283, 284, 287, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299

Gestão escolar 108, 109, 110, 114, 116, 140

Gestores 17, 111, 116, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 220, 231

H

Humanística 160

I

Identidades 7, 26, 53, 57, 61, 62, 71, 168, 288, 294, 297, 298, 299

Inclusão de surdos 105, 258, 261

Inclusão escolar 1, 11, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 48, 49, 50, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 76, 94, 95, 116, 117, 128, 135, 140, 142, 143, 147, 148, 184, 187, 188, 190, 194, 200, 209, 220, 221, 225, 232, 233, 234, 235, 245

Inclusão social 4, 22, 37, 60, 108, 109, 110, 116, 129, 148, 149, 151, 174, 175, 200, 225

Institucionalização 25, 114, 118, 201, 204, 206, 207, 208, 210, 251

L

Libras 96, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 244, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275

Linguística 101, 106, 244, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 267, 271, 275

M

Mediador escolar 1, 6, 7

N

Necessidades especiais 13, 14, 16, 18, 21, 22, 71, 72, 116, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 185, 191, 236, 246

Nome social 32, 34, 48, 50, 51, 52

P

Pae 140, 141, 142, 146, 147

Pertencimento 27, 54, 57, 61, 189, 199, 216

Política 6, 7, 9, 25, 28, 36, 37, 45, 46, 48, 50, 73, 75, 76, 78, 85, 89, 93, 95, 97, 98, 105, 106, 110, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 121, 129, 130, 187, 191, 199, 200, 203, 204, 208, 209, 210, 218, 225, 229, 231, 232, 246, 261, 266, 271, 275, 288, 297

Processo de brincar 1, 8

Psicologia escolar 52, 169, 170, 171, 172, 177, 189, 194, 195, 199, 200

Psicologia histórico-cultural 65, 66, 67, 68, 70, 72, 73, 169, 177

R

Rede de ensino básico 87

S

Sexualidade 39, 47, 51, 239, 240, 241, 247, 276, 277, 278, 279, 280, 283, 287, 288, 289, 292, 295, 296, 297, 298, 299, 300

Superior 13, 26, 29, 30, 73, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 111, 115, 134, 137, 138, 161, 162, 163, 164, 202, 208, 209, 218, 242, 259, 262, 270, 275, 280, 292

T

Técnico e tecnológico 87

Tecnologias assistivas 9, 53, 54, 92, 220, 221, 222, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 233

Transexuais 32, 34, 37, 50, 51, 52

Travestis 32, 34, 37, 50, 51, 52

U

Universidade 1, 11, 24, 31, 65, 73, 95, 108, 117, 118, 119, 132, 136, 139, 140, 149, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 177, 183, 189, 200, 220, 222, 232, 233, 234, 246, 247, 248, 258, 259, 261, 262, 263, 270, 275, 296, 300

 **Atena**
Editora

2 0 2 0